

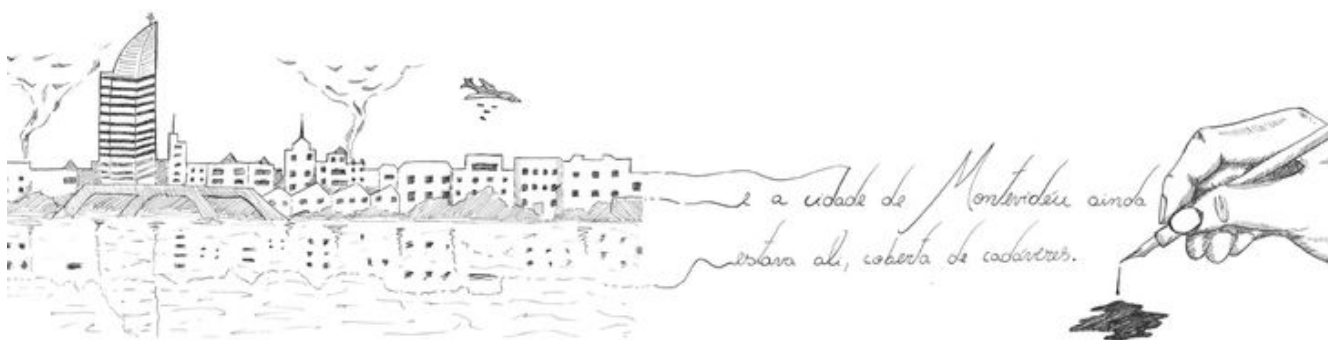
Novela | Copi

14/01/2020

O uruguaio seguido de A internacional argentina, de Copi

Tradução: Carlito Azevedo

Trecho de *O uruguaio seguido de A internacional argentina*, reunião de duas novelas do argentino Copi (1939-1987), a ser publicado este ano pela Rocco na Coleção Outra Língua — série de autores cujo aspecto comum é a língua única que exploram, o espanhol multiforme das Américas em suas expressões mais singulares.



Olá, imbecil. Esta manhã um iate de turistas argentinos atracou na costa e eles me perguntaram se eu precisava de algo, respondi que não. Quando se foram me dei conta de que poderia lhes ter dado esta carta, mas agora é tarde demais. O mar avançou quase um quilômetro. Tive que correr para não ser alcançado pelas ondas. Os frangos flutuam sobre elas e parecem mais felizes, muito menos apressados e histéricos que ontem. O mar demorou três dias para se retirar calmamente, levando consigo toda a areia; e a cidade de Montevideú ainda estava ali, coberta de cadáveres. Ontem à tarde ouvi o ruído de um motor, saltei de minha cama e olhei pela janela: era um caminhão da Prefeitura (Municipalidad) que vinha recolher os cadáveres. Aterrorizou-me a ideia de ser colocado no caminhão junto com os outros e passei o resto da noite escondido embaixo da cama apesar de em nenhum momento os ter ouvido entrar na casa. Quando finalmente adormeci, tive um sonho estranho que contarei mais tarde, pois o despertar é que foi muito mais interessante. Meu quarto tinha sido

literalmente invadido por militares, alguns estavam sentados em minha cama, outros caminhavam para lá e para cá entre o lavabo e o armário, chocando-se às vezes contra as paredes, havia até quatro deles sentados sobre o armário e dois em seu interior; todos fumavam havanas enormes e não paravam de falar, todos ao mesmo tempo. Timidamente, saí de debaixo da cama e então se calaram. Tinham vindo apertar a minha mão, um depois do outro, alguns até me deram beijos na face. Uma menina de uns 6 anos entrou com meu cão empalhado nos braços e o deu para mim. Quando o tomei, eles todos foram embora em silêncio. Não compreendi absolutamente nada da cerimônia, nem como encontraram o cadáver de meu cão, nem por que vinham entregá-lo a mim. Em todo caso, pareciam tão cordiais que pensei que não devia me inquietar; coloquei meu cão empalhado sobre a lareira, fui ao banheiro e saí para a rua como todos os dias. Isso não mudou tanto comparado com o tempo anterior à catástrofe, excetuando que toda a gente está morta e empalhada. Você vai me dizer que essa é uma diferença notável, mas como nunca tive verdadeiras relações com eles, ao fim de cinco minutos me habituei perfeitamente com isso. Devo lhe dizer que a maneira como estão dispostos é bastante grosseira (logo eles que eram tão meticulosos na escolha de seus lugares!), veem-se, às vezes, montanhas de cadáveres na esquina de uma rua, alguns jogados sobre os tetos dos automóveis, cheguei a ver alguns presos nas árvores, e os que estão pendurados na janelas estão às vezes postos de cabeça para baixo, o que quer dizer que tudo o que se vê da rua são suas pernas e sapatos. Dir-se-ia que esse trabalho foi feito com pressa e sem convicção. Ao chegar à loja (a mulher negra estava empalhada, debruçada sobre o mostrador) tive a surpresa de encontrar a menina que havia poucos instantes tinha me dado o cão, a qual, vendo-me ali, foi tomada por uma crise de riso louca e se escondeu atrás do balcão. Peguei um pacote de gauloises e deixei um franco e cinquenta (três pesos e dez) sobre a barriga da mulher negra, depois saí dali e fui à praia (fazia um tempo esplêndido). Ali, encontrei meus amigos militares desta manhã ocupados em medir o poço dos frangos (o que tinha sido o túmulo de meu Lambetta) com cordas. Receberam-me com manifestações de alegria e me ofereceram cigarros. Recusei de forma polida e parece que isso os divertiu, pois começaram a rolar de rir no chão, sobretudo quando me viram acender um gauloise. Quando se acalmaram um pouco, perguntei: “Por qué catástrofe?” apontando para o poço. Ficaram brancos como a neve. Finalmente, um deles deu um passo para frente e sussurrou em minha orelha: “Yo soy el Presidente de la República Oriental” e, me pegando pelo braço, levou-me na direção do mar. Ao chegar à beira, desnudou-se cuidadosamente, dobrando suas roupas e colocando-as sobre a areia. Pareceu-me que devia fazer o mesmo. Quando ficamos os dois nus, os outros, que se mantinham prudentemente a distância, puseram-se a aplaudir e a gritar “viva el diálogo”, imediatamente batemos continência e entramos no mar. A cada onda, o presidente gritava “viva

la mar” e pareceu-me que devia fazer o mesmo. A cada exclamação nossa, os outros aplaudiam lá na beira da praia. Quando deixamos para trás as ondas (o presidente nadava como uma foca, fazendo com a boca um ruído muito desagradável), me disse no tom mais natural do mundo: “Usted presidente?”, respondi “no presidente”, então me olhou fixamente com seus olhos de foca: “Por qué?”, me disse. “Não basta querer para ser presidente”, respondi. “Macanas!1”, disse ele em tom peremptório. Esse diálogo me pareceu perfeitamente estúpido e voltei às pressas para a beira da praia, e foi quando ouvimos o barulho de um avião. Levantei a cabeça. E em menos tempo do que eu levo para contar isso, o avião lançou uma bomba sobre os militares que tinham ficado na praia. O mar produzia ondas em sentido contrário que quase nos arrastaram longe demais para poder regressar. Alcançamos a areia quase sem ar, e ali encontramos um monte de cadáveres carbonizados sobre a areia negra. O presidente parou diante de cada um deles, pronunciando a palavra “militar” em tom solene, e batendo continência, depois se vestiu do melhor jeito possível, pois suas roupas estavam meio queimadas (as minhas também, mas pareceu-me que a situação era mais embaraçosa para um presidente do que para mim), finalmente me disse, colocando a mão em meu ombro: “Racconta-me tutto.” Fiz o melhor que pude, começando pela narrativa de meu cão cavando o poço na areia. “Quién culpable?”, perguntou-me quando terminei de falar. “Nosé”, respondi. “Bravo!”, gritou, beijando-me o rosto quatro vezes seguidas. Depois disso entrou com roupa e tudo no mar e começou a nadar; não tinha se afastado nem cem metros quando ouvi o barulho do avião, levantei a cabeça e pouco depois bum! em cheio sobre a cabeça do presidente, de quem não sobrou mais do que uma grande mancha vermelha no mar. Nesse momento, comecei a me fazer perguntas, ou melhor, uma só pergunta: por que eu era o único sobrevivente do Uruguai? Aparentemente havia também a garota, mas logo esse ponto foi esclarecido: ao entrar em minha casa encontrei-a estripada em minha cama. Até amanhã, Mestre.

Copi o é pseudônimo de Raúl Damonte, um “argentino de Paris”, como ele mesmo se apresentava. Escritor, dramaturgo, ator e cartunista nascido em Buenos Aires em 1939, mudou-se para a França em 1962 e por lá passou a vida, falecendo em 1987 em decorrência de complicações relacionadas à AIDS. Integrante da trupe teatral fundada por Alejandro Jodorowsky, Fernando Arrabal e Roland Topor, desenvolveu vasta obra dramatúrgica e cartunística caracterizada por César Aira como um “barroco de nosso tempo”. No Brasil, teve cartuns publicados pela revista *Status* nos anos 70, além de reunidas as peças teatrais *Eva Perón*, *Loretta Strong* e *A geladeira em um volume* (7Letras, 2007).

Ilustração **Bianca Franco**